



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

FABIANO CASTRO DE FREITAS

A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA NA IMPRENSA E A VISÃO DOS
CRIMINALIZADOS EM VIÇOSA-MG.

JUNHO DE 2015

FABIANO CASTRO DE FREITAS

A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA NA IMPRENSA E A VISÃO DOS
CRIMINALIZADOS EM VIÇOSA.

Monografia apresentada ao curso de
Graduação em Ciências Sociais da
Universidade Federal de Viçosa, como
requisito para obtenção do título de Bacharel
em Ciências Sociais.

Orientador: Fabrício Roberto C. Oliveira.

VIÇOSA
2015

FOLHA DE CATALOGAÇÃO DA BIBLIOTECA

FABIANO CASTRO DE FREITAS

A REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA NA IMPRENSA E A VISÃO DOS
CRIMINALIZADOS EM VIÇOSA.

Monografia apresentada ao curso de
Graduação em Ciências Sociais da
Universidade Federal de Viçosa, como
requisito para obtenção do título de Bacharel
em Ciências Sociais.

APROVADA: 02/06/2015

Comissão Examinadora

Prof. Fabrício Roberto C. Oliveira (Orientador)
Universidade Federal de Viçosa

Prof. Marcelo Ottoni Durante
Universidade Federal de Viçosa

Prof. Rogéria da Silva Martins
Universidade Federal de Viçosa

AGRADECIMENTOS

Concluir o ensino superior é mais um dos muitos desafios ao qual me propus, e neste momento tão importante não poderia deixar de agradecer às muitas pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para meu sucesso e com as quais eu compartilho neste momento a minha alegria.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao apoio dado pela minha noiva e pela minha família, os quais estiveram sempre presentes em todos os momentos durante esta caminhada e sem os quais não seria possível chegar a lugar algum.

Agradeço em especial o grande apoio dado pelo Professor Fabrício Roberto Costa Oliveira, meu orientador, sem o qual este trabalho não teria sido realizado. Também não poderia deixar de agradecer ao Professor Marcelo Ottoni Durante, pelo companheirismo ao longo do curso. À Professora Rogéria da Silva Martins, fica o meu sincero agradecimento por aceitar o convite de compor a banca avaliadora.

A todos os professores do curso de Ciências Sociais da UFV e aos colegas de curso, com os quais compartilhamos bons momentos durante o curso.

Dedico este trabalho a todos que de alguma forma contribuíram para a minha formação.

“Eduquem as crianças, para que não
seja necessário punir os adultos.”

(Pitágoras)

RESUMO

A questão da exposição da violência e da criminalidade nos órgãos de imprensa tem sido amplamente discutida em estudos recentes. A grande imprensa tem recebido maior atenção de pesquisadores sobre esta temática e raramente as pesquisas adentram aos presídios e/ou raramente escutam os atores sociais que tornam-se verdadeiros “objetos” de exposição ou análise. Este estudo tenta se enveredar pelo objetivo de dar maior foco a um município interiorano e ouvir e analisar a forma como os atores sociais constroem representações sobre a forma como são expostos. Neste sentido, o presente trabalho busca conhecer melhor a questão da representação da violência e da criminalidade na mídia escrita na cidade Viçosa-MG. Para isso, foram analisadas as edições dos jornais “Folha da Mata” e “Tribuna Livre”, juntamente com entrevistas realizadas com os seus editores e com pessoas privadas de liberdade, no Presídio de Viçosa, visando identificar aspectos referentes à percepção dessa exposição contínua de notícias sobre violência e criminalidade. A pesquisa revela que os jornais de Viçosa se beneficiam da exposição da violência na cidade e em alguns casos, esse processo têm servido para encobrir outras formas de violência, como exclusão e segregação de pessoas tidas como desviantes, atribuindo-lhes um rótulo de criminosos, agravando o estigma e dificultando a reinserção após o cumprimento da pena

Palavras-chave: Mídia; Criminalidade; Violência e Viçosa.

ABSTRACT

The issue of exposure to violence and crime in the media outlets has been widely discussed in recent studies. The mainstream press has received increased attention from researchers on this topic and seldom research they enter the prison and / or rarely listen to the social actors that become true "objects" display or analysis. This study tries to go down the order to give greater focus to a small-town municipality and listen and analyze how social actors construct representations of the way they are exposed. In this sense, this paper seeks to better understand the issue of representation of violence and crime in the written media in Viçosa-MG city. For this, editions of newspapers were analyzed "Folha da Mata" and "Tribuna Livre" along with interviews with the editors of the two newspapers and detainees in the prison of Viçosa, to identify aspects related to the perception of exposure Continuous news about violence and crime. The survey reveals that Viçosa newspapers benefit from exposure to violence in the city and in some cases, this process has served to cover other forms of violence, such as exclusion and segregation of people seen as deviant by giving them a label of criminals, aggravating the stigma and hampering the reintegration after serving the sentence.

Keywords : Media; crime; violence and Viçosa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1. OBJETO DE ESTUDO E METODOLOGIA	13
1.1 Caracterizando o campo pesquisado.....	13
1.2 A abordagem metodológica.....	15
CAPÍTULO 2. A QUESTÃO DA MÍDIA E DA VIOLÊNCIA; PROBLEMATIZANDO OS JORNAIS DE VIÇOSA-MG	18
2.1. Mídia e Violência.....	18
2.2. As notícias nos jornais de Viçosa-MG.....	21
2.3. A Visão dos editores.....	27
CAPÍTULO 3. DESCRIÇÃO ETNOGRÁFICA DO COMPORTAMENTO DOS PRESOS NO CONTATO COM O JORNAL	30
CAPÍTULO 4. ANÁLISE DAS ENTREVISTA COM OS PRESOS	34
4.1. Os entrevistados.....	34
4.2. A rotulação e o estigma gerado pela exposição na página policial.....	37
4.3. A hierarquização da criminalidade em Viçosa-MG.....	43
4.4. A reflexão sobre a violência em Viçosa-MG.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
ANEXOS	53

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um estudo referente à representação da violência e da criminalidade pela imprensa escrita na cidade de Viçosa-Mg, nele se problematiza as estratégias dos órgãos de imprensa, bem como a repercussão das notícias sobre violência junto aos criminalizados. Por vezes, o crime de alguns deles são notícias nestes veículos de comunicação e a forma como lidam com tal situação é questão importante deste trabalho.

Neste estudo, foram analisados os dois jornais impressos de maior circulação na cidade e na micro-região, quais sejam: O “Folha da Mata” e o jornal “Tribuna Livre”. Assim, buscar-se-á analisar as formas com que as notícias emergem nos jornais e a forma com que os indivíduos privados de liberdade por cometimento de delitos percebem essa exposição contínua de notícias sobre violência, através da mídia da cidade.

A divulgação de notícias sobre episódios de violência, vem ganhando cada vez mais espaço, seja na mídia escrita, na televisão, ou em sites de notícias, que buscam explorar ao máximo os fatos, dando muitas vezes uma ênfase exagerada, com intuito de atrair a atenção de seus públicos. Vários estudos demonstram que esse processo tem gerado uma espécie de pânico social, o que cria uma sensação de insegurança constante na maioria das pessoas (Melo, 2010; GLASSNER, 2003; Pereira, 2013).

Muito disso se explica pelo fato da imprensa dar maior ênfase aos crimes tidos como violentos, como homicídios e roubos a mão armada, criando uma impressão de que os crimes violentos constituem a grande maioria dos delitos ocorridos. Na cidade de Viçosa-Mg, esta situação não é diferente. A população recebe, com grande frequência, notícias de episódios de violência, seja pelos jornais impressos da cidade, pela televisão, ou por sites de notícias. Para este estudo foram analisados os jornais impressos “Folha da Mata” e “Tribuna Livre”, ambos editados em Viçosa-Mg.

Foram analisadas, as edições dos jornais publicados nos quatro primeiros meses do ano de 2015. A escolha desse período se justifica, pelo fato de ser mais próximo da realização das entrevistas com os presidiários, pois o objetivo consiste em relacionar a análise das notícias, com as entrevistas. Isso porque, muitas pessoas detidas pelo cometimento de delitos, conseguem o direito de responder o processo em liberdade, sendo portanto, muito mais difícil entrevistá-las após a sua soltura.

Os principais aspectos analisados foram o volume de notícias e principalmente à forma de abordagem, ou seja, aspectos como a utilização de imagens, repetição de notícias de grande repercussão, recorrência de notícias de violência na capa e notícia de crimes

ocorridos em outras cidades. Concomitantemente à análise dos noticiários, foram realizadas entrevistas com os editores dos dois jornais, com o objetivo de conhecer a opinião deles a cerca do mercado da mídia em Viçosa-Mg, porque as notícias de criminalidade se rotinizam nas capas e ao longo dos jornais.

Em um segundo momento, através de uma etnografia, foi observado o comportamento dos detentos quando têm acesso ao jornal escrito, fato que ocorre uma vez por semana, quase sempre às sextas-feiras. O jornal é custeado por um dos presos, sendo que, normalmente a cada semana um deles, em sistema de rodízio realiza a compra.

Todo esse percurso metodológico teve como objetivo elucidar a questão da representação da violência na mídia de Viçosa e como as pessoas privadas de liberdade percebem tal processo. Sendo eles, muitas vezes, os atores dessas notícias. A exposição da criminalidade e dos criminosos na mídia, pode gerar, segundo Werneck (2014: 111), uma espécie de rotulação dos comportamentos desviantes pela sociedade, não significando exatamente que o indivíduo se tornará criminoso por causa do rótulo, “mas certamente se mantêm como tais parcialmente graças a ele”.

O espaço para notícias sobre violência, na imprensa local tem aumentado consideravelmente nos últimos anos, fato confirmado pelos Diretores do jornal Folha da Mata e Tribuna Livre, sob alegação, de um aumento da demanda da população por notícias desse conteúdo e pelo aumento significativo da violência em Viçosa e demais cidades vizinhas.

Estudos recentes sobre violência, demonstram que é crescente a sensação de insegurança entre a população. Reportagens com crimes bárbaros e que causam grande repercussão na sociedade, são noticiados diariamente na mídia escrita ou falada (Tavares dos Santos, Teixeira e Russo, 2011). Contudo, essa exposição traz consigo outras consequências, pois a imprensa se beneficia da exploração da imagem de pessoas, que são suspeitas do cometimento de ações criminosas, antes mesmo que haja alguma investigação. Dessa forma, as consequências dessa exposição devem ser melhor exploradas, já que podem servir tanto para promover criminosos como para estigmatizar pessoas que ainda nem foram submetidas ao julgamento.

Conhecer melhor a visão das pessoas, sobre as quais a mídia está noticiando pode ser significativo para compreender melhor a conturbada relação entre mídia e violência, objeto de vários estudos das Ciências Sociais. Isto porque a forma de representação da violência na imprensa pode ter diferentes significados para os indivíduos criminalizados.

Dependendo da abordagem dada pela mídia, as notícias de violência e criminalidade podem gerar uma espécie de rótulo dos comportamentos desviantes. Werneck (2014: 112) afirma que “[...] alguém precisa se dar ao trabalho de convencer os outros de que outro alguém merece um rótulo [...]”, esse tem sido, em muitos casos, o papel da mídia, ao explorar casos de crimes violentos praticados por menores infratores e outros tipos tidos como desviantes, tendo como objetivo, associar uma imagem permanente de delinquência a uma determinada classe, seguindo “uma lógica de, no mínimo segregação; no máximo, punição” (Werneck, 2014: 112).

Explorando estas questões, esta monografia foi organizada da seguinte forma. No primeiro capítulo serão apresentadas algumas características do campo de estudo e do objeto pesquisado. Além de algumas breves considerações a cerca da metodologia empregada para investigação, justificando algumas questões importantes como escolha da amostragem e a forma de abordagem qualitativa. O capítulo 2, refere-se à problematização da questão da exposição da violência na mídia escrita, no município de Viçosa-Mg. Trazendo como elementos de discussão, a forma como a mídia tem mostrado a violência e a visão dos editores sobre esse processo. No capítulo 3 são apresentados alguns resultados obtidos através de uma etnografia realizada no interior do presídio de Viçosa pelo próprio pesquisador, com o objetivo de retratar o comportamento dos detentos ao receberem o jornal semanal. Já no capítulo 4, serão exploradas as entrevistas com os sujeitos criminalizados, com o objetivo de entender melhor a percepção deles acerca desse processo de exposição da violência.

CAPÍTULO 1

OBJETO DE ESTUDO E METODOLOGIA

1.1. Caracterizando o campo pesquisado.

Sou Agente Penitenciário, desde o ano de 2009 e trabalho no Presídio de Viçosa. Atualmente exerço a função de Coordenador de Segurança, ou seja, sou responsável pelas questões relativas ao bom andamento da unidade prisional, dentre elas a vistoria e autorização de tudo que entra ou sai do estabelecimento penal, incluindo-se informações.

Também sou responsável por fiscalizar e zelar pelo bom convívio entre os presos e entre presos e funcionários. Desta forma, através do desempenho das minhas atribuições rotineiras, comecei a observar o comportamento dos presos, ao terem acesso aos jornais da cidade, e percebi que alguns comportamentos, como agressões a companheiros de cela, ou a hierarquização entre os presos, deveriam ser melhor explorados através de um trabalho acadêmico.

Foi objeto desse estudo, as edições de janeiro a abril de 2015 dos jornais “Folha da Mata” e “Tribuna Livre”. O jornal Folha da Mata, foi criado no ano de 1963, com o nome de “Folha de Viçosa”, tendo como um dos seus fundadores o professor Pélmio Simões de Carvalho. Já na sua fundação o jornal publicava edições semanais, o que mantém até os dias de hoje. O Folha da Mata, possui todas as impressões coloridas, sendo que normalmente se esgota primeiro nos pontos de venda.

O jornal “Tribuna livre”, por sua vez, foi fundado no ano de 1985, pelo atual diretor do jornal o Senhor Lúcio Sant’ Ana. Inicialmente o jornal circulou quinzenalmente, até 1998, após essa data passou a ser editado semanalmente, sendo que desde a sua fundação já possuía o nome Tribuna Livre, diferentemente do Folha da Mata, apenas as imagens da capa são coloridas.

Os dois jornais, possuem uma estrutura bastante parecida, tanto no formato de impressão como na apresentação das notícias, trazendo matérias sobre a cidade em geral, política, a coluna social no centro do caderno, notícias de esporte local e nas últimas páginas as notícias policiais.

Este trabalho foi realizado na cidade Viçosa-MG, município localizado na Zona da Mata mineira, com 76745 habitantes¹. Viçosa sedia a Universidade de Federal de Viçosa, bem como outras instituições de ensino superior, se intitulando cidade educadora. Contudo nos últimos anos vem adquirindo também título de cidade com altos índices de criminalidade e violência, fato que tem recebido destaque na imprensa local e nacional.

Segundo um levantamento feito pelo professor Júlio Jacobo Waiselfisz, da Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais, a cidade ocupava em 2011, a posição 286º, entre as cidades mais violentas do país. Já dentro do estado de Minas Gerais, Viçosa ficou em 14º lugar, entre as mais violentas, considerando o número de homicídios, como mostra a tabela 01.

Tabela 01.

Posição nacional	Cidade	Estado	População (2011)	Nº assassinatos (2011)	Taxa	Posição no respectivo estado
281	Campos dos Goytacazes	RJ	468.087	188	40,2	12
282	Colatina	ES	112.432	45	40	20
283	Itinga do Maranhão	MA	24.997	10	40	9
284	Bonito	PE	37.552	15	39,9	32
285	Niquelândia	GO	42.652	17	39,9	16
286	Viçosa	MG	72.786	29	39,8	14
287	Ibirité	MG	160.943	64	39,8	15

Fonte: <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/as-300-cidades-mais-perigosas-do-brasil>

Considerando que o Estado de Minas Gerais possui 853 municípios e que a cidade é considerada como uma referência em número de estudantes universitários, trata-se de uma colocação muito preocupante. A forma como isso é tratado na imprensa local e como os criminalizados percebem tal situação justificam este trabalho.

Uma parte desta pesquisa, ou seja, a observação e as entrevistas com os criminalizados, foi realizada no interior do Presídio de Viçosa, instituição penal que abriga cerca 150 detentos, em cumprimento de pena restritiva de liberdade. O Presídio de Viçosa, possui uma estrutura que se divide em duas galerias de celas, dispostas uma de frete para

¹ Estimativas da população residente nos municípios brasileiros com data de referência em 1º de julho de 2014 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (28 de agosto de 2014). Visitado em 27 de maio de 2015.

outra, separadas por um grande pátio, onde os detentos se reúnem para práticas esportivas e outras atividades, como banho de sol².

Contudo, é importante salientar que os detentos alojados em uma galeria, não se juntam aos da galeria oposta, isto porque muitos possuem inimigos, o que gera um clima de rivalidade entre as galerias. As celas estão dispostas uma ao lado outra, havendo uma cela especial separada das demais onde se encontram os detentos que não podem manter contato com os demais.

A cela denominada de “seguro” é uma espécie de lugar moral, onde aqueles que lá se encontram, são tidos como pessoas de menos prestígio no mundo do crime, sendo, portanto uma afronta colocar um criminoso nesta cela, sem que haja um motivo muito forte, como a preservação da sua integridade física. É importante salientar que é nesta cela que ficam alojados os criminalizados, condenados pelo crime de estupro e também aqueles que possuem inimigos nas duas galerias.

1.2. A abordagem metodológica

Essa pesquisa foi realizada a partir de uma metodologia indutiva, com o objetivo de explorar o campo da violência e da criminalidade, através da sua exposição na mídia, gerando proposições teóricas, sobre a vida social, através dos dados obtidos (May, 2004).

A pesquisa teve cunho qualitativo com o objetivo de explorar o ponto de vista dos atores sociais envolvidos no fenômeno da violência e criminalidade, em constante exposição na mídia, no dia-a-dia, prisional. Sobre a pesquisa qualitativa, Flick (2009: 16) considera que,

[...] a pesquisa qualitativa usa o texto como material empírico (em vez de números), parte da noção de construção social das realidades em estudo, está interessada nas perspectivas dos participantes em suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento cotidiano relativo a questão em estudo.

Diante da complexidade do fenômeno da violência, é importante destacar a relevância da pesquisa qualitativa para esse tema, já que, os estudos dessa área não devem se basear apenas em estatísticas criminais, ou seja, é preciso explorar as representações dos atores envolvidos nesse fenômeno tão complexo. Acerca desse processo De Carvalho (2014: 141) afirma que, a criminologia Cultural

² Constitui um dos direitos do preso, previsto pelo Art. 52, inciso IV, da Lei de Execução Penal.

requer que o pesquisador não se contente em reduzir o complexo fenômeno do desvio em gráficos, tabelas, mapas e quadros numéricos ou em fórmulas de predição de risco, cujo resultado é a inexorável substituição das pessoas por dígitos estatísticos. O pano de fundo do rompimento com o fundamentalismo metodológico é uma leitura não essencializadora do fenômeno desviante. O desafio da criminologia cultural é, portanto, desenvolver metodologias de aproximação dos pesquisadores com a realidade do crime e do seu controle.

Ainda acerca dessa perspectiva de abordagem que privilegia os pontos de vistas dos atores envolvidos no fenômeno da violência, Porto (2006: 264) acrescenta que,

Considerando os fenômenos da violência, a perspectiva analítica centrada nas representações sociais permite captar os sentidos que os atores (protagonistas ou vítimas da violência) atribuem às suas representações e às suas práticas, sem secundarizar o sistema (ambiente, contexto, situação, estruturas) no qual esses atores agem e onde ações violentas são praticadas. Privilegia a subjetividade das representações sabendo, no entanto, que elas só se constroem em relação a um dado contexto ou ambiente objetivamente dado.

A pesquisa nos jornais Folha da Mata e Tribuna Livre, teve como objetivo analisar as notícias sobre violência e criminalidade, apresentadas por esses veículos de comunicação. Os principais aspectos observados foram, a recorrência de notícias sobre violência na capa dos jornais, o espaço destinado à página policial, a repetição de notícias com grande repercussão na sociedade viçosense, a utilização de imagens e a apresentação de notícias de crimes ocorridos em cidades fora da circulação do jornal. Logo em seguida foi realizada uma entrevista com os editores dos dois jornais, com intuito de esclarecer algumas questões importantes para compreender melhor o mercado editorial em Viçosa-Mg.

Concomitante à coleta de dados nos jornais, seguindo as orientações de Magnani (2002) foram feitas observações interior do Presídio de Viçosa, por um período de oito semanas, com o objetivo identificar alguns comportamentos dos detentos antes e depois do contato com o jornal semanal.

Após a realização dessa etnografia, com base nas anotações em um caderno de campo, foram realizadas entrevistas com alguns detentos para aprofundar e elucidar as peculiaridades no comportamento observado. Por último, foram realizadas análises de conteúdo das entrevistas, buscando relacionar o seu conteúdo ao material coletado durante

as pesquisas bem como à literatura de apoio, na tentativa de alcançar os objetivos propostos pela pesquisa.

A escolha dos entrevistados, foi feita aleatoriamente, já que à medida em que eram realizados os agendamentos para a Comissão Técnica de Classificação, também eram feitos os convites aos criminalizados para participar da pesquisa. Este, procedimento de classificação é utilizado para conhecer e classificar presos, quanto a suas habilidades, aptidões e demandas e é realizado pela primeira vez quando o preso é admitido na unidade, depois ele é reavaliado de seis em seis meses.

Esse agendamento é realizado pela secretária da CTC (Comissão Técnica de Classificação), de acordo com a demanda da unidade, contudo semanalmente ocorrem atendimentos. O convite para participar da pesquisa, foi realizado dessa forma, porque o simples fato de um preso ser chamado para conversar reservadamente com o chefe da segurança, pode ser suficiente para produzir um estigma, a partir da desconfiança dos demais, de que o sujeito, poderia ter realizado alguma delação, sendo por isso expulso da cela onde estava alojado.

Foram entrevistados homens e mulheres, presos por motivos variados, alguns ainda se encontravam presos provisoriamente aguardando julgamento, outros já se encontravam condenados. As entrevistas foram norteadas por um roteiro semi-estruturado, o qual inicialmente continha perguntas sobre as características pessoais e logo em seguida uma segunda rodada de perguntas referentes à apresentação da violência e da criminalidade nos jornais de Viçosa. As entrevistas foram realizadas pelo pesquisador, com o auxílio de um gravador e ocorrem com o livre consentimento dos entrevistados. Ao todo foram feitas dez entrevistas com os criminalizados, tal número se justifica devido ao fato de se ter alcançado um padrão das respostas e do curto prazo para finalizar a pesquisa.

CAPÍTULO 2

A QUESTÃO DA MÍDIA E DA VIOLÊNCIA; PROBLEMATIZANDO OS JORNAIS DE VIÇOSA-MG.

2.1 Mídia e Violência

Na nossa sociedade, é cada vez mais marcante a influência dos meios de comunicação sobre os aspectos culturais, responsáveis pela consolidação da estrutura social. Para Melo (2014: 165), as mudanças estruturais ocorridas nas redes de comunicação têm alterado as relações sociais, onde episódios individuais se transformam em acontecimentos públicos:

Entre os fatos sociais que ganham *status* de problema público está o crime, que ingressa na agenda de fatos noticiáveis pelos meios de comunicação conforme a sua capacidade de causar impacto e repercutir sobre os indivíduos (Melo, 2014: 165).

Desta forma, os crimes violentos ganham maior destaque, pois são carregados de conflitos, recebendo uma maior relevância na pauta midiática, contudo, a cobertura midiática do crime é distorcida e dramática, pois

o crime entra na agenda jornalística como um tema que atrai público, está na pauta porque eleva o nível do consumo midiático pela audiência. O crime narrado pela mídia é o drama moderno do teatro de arena, exposto para manter a atenção e o interesse do público. Como cerimônia, contém o ritual no qual os indivíduos são heróis, vilões e vítimas, criando uma ordem social própria, na qual os sentidos são imputados sumariamente, num discurso emocional que comove e estimula o consenso sobre o dano, a culpa e a punição (Melo, 2014:170).

Devido ao grande espaço dado às manchetes policiais, nos meios de comunicação, estudos recentes sobre agenda *setting*³ (Lyra de Carvalho Jr, 2010), demonstram “o poder do jornalismo de projetar temas ou fatos sociais, tornando-os tópicos de discussão pública

³ Expressão cunhada pelos professores da Universidade da Carolina do Norte, que realizaram uma pesquisa com 100 eleitores indecisos da cidade de Chapel Hill. Os pesquisadores analisaram os conteúdos dos noticiários durante as eleições presidenciais de 1968, com o objetivo de identificar quais assuntos eram mais realçados pela mídia. Através da comparação desses resultados com aqueles encontrados no *survey* dos eleitores, os autores acharam uma equivalência quase perfeita (97%) entre os “dois conjuntos de saliência” (*sets of issue salience*): os temas que os eleitores consideraram de maior relevância foram os mesmos da mídia. (McCombs e Shaw, 1972, p. 177)

[...] O efeito observado foi de que a agenda dos indivíduos é determinada pela agenda da imprensa:[...]” (Melo, 2014: 170). Portanto, os fatos apresentados pela mídia passam a interferir na vida das pessoas, por isso faz-se necessário o aprofundamento das pesquisas que busquem relacionar a mídia e a violência. Nesse sentido, Melo (2014: 172) afirma que

na sociedade contemporânea midiaticizada (que vive sob a influência da mídia) cuja estrutura social se consolida em bases culturais midiáticas (ambiente em que as relações sociais se desenvolvem e os fatos sociais são reconhecidos a partir dos meios de comunicação), o sentido do crime, a percepção e a dimensão dos danos decorrentes e os sentimentos acerca da ação punitiva estão calcadas nos discursos midiáticos que formam esta significação.

Assim como em outros locais, a violência e a criminalidade se tornaram temas recorrentes nas manchetes de jornais na cidade de Viçosa, semanalmente os jornais despejam notícias de crime ocorridos pela cidade e em toda região. Expõem fotos, dramatizam acontecimentos, trazem estatísticas, repetem notícias de grande repercussão, informam e formam opinião de muitos leitores, que se transformam em consumidores de notícias trágicas.

Isto porque, segundo (Lyra de Carvalho Jr, 2010: 191 apud Ramos e Novo 2003: 494), a maioria do público que lê os jornais, por não ter acesso direto aos fatos noticiados, segue uma tendência de assumir o discurso hegemônico da mídia, sendo que esse discurso segue uma tendência de oferecer uma representação cultural construída por segmentos dominantes do cenário socioeconômico, aumentando o processo de exclusão de determinados grupos.

Nesse processo, o jornalismo possui poderes importantes, já que é ele que escolhe o enquadramento para representar os fatos noticiados. Por isso, segundo (Melo, 2014: 172) “os meios de comunicação são impulsionadores do conhecimento, e é isso que leva os indivíduos a comentarem o que se fala na televisão e nas redes sociais e a ignorarem o que está próximo a eles, mas que não ascendeu à notícia”.

Assim, é possível afirmar que “o que sai na mídia norteia as agendas individuais de preocupações, fazendo-nos temer um conjunto de possíveis crimes que na maioria das vezes são raros e incomuns” (Melo, 2014: 172), ou pelo menos constitui a menor parte dos crimes ocorridos, mas que por receberem maior destaque, acabam causando maior impacto na população.

Alguns estudos têm se dedicado a estudar os efeitos da apresentação da violência na mídia (Prado, 2006; Melo, 2010), estes estudos afirmam que essa dramatização tem contribuído principalmente para disseminar uma cultura do medo, em uma grande parcela da população. Essa cultura do medo, por sua vez, tem causado uma mudança no comportamento e no estilo de vida de muitas pessoas, na busca por mais segurança, asseverando o processo de segregação social, isto porque muitas famílias se mudam para condomínios fechados, saindo dos locais de origem, na tentativa de se proteger da criminalidade (Caldeira, 2002).

Em um trabalho recente sobre mídia e criminalidade, Lyra de Carvalho Jr (2010: 188 apud Reiner, 2006: 6), classificou as abordagens sobre mídia e criminalidade em quatro correntes teóricas distintas, as quais serão importantes para se alcançar os objetivos propostos por esse trabalho, .

A primeira, *the desubordination thesis*, sustenta o caráter intrinsecamente subversivo da mídia, cujas representações de crime encorajam o comportamento desviante e solapam os fundamentos morais da justiça criminal. [...] A hipótese oposta, *the discipline thesis*, enfatiza as distorções e os exageros nas representações de crime na mídia, o que favorece a disseminação do “pânico moral”³ e ainda contribui para consolidar o apoio popular às políticas punitivas. De acordo com tal perspectiva, a mídia não causa criminalidade, mas cria um suporte decisivo para as políticas punitivas.[...] Nas antípodas das perspectivas anteriores, encontra-se *the libertarian thesis*, que nega a ocorrência de qualquer impacto significativo da mídia sobre o comportamento das pessoas,[...] Por último, *the pluralistic thesis* aborda a mídia como um fenômeno complexo, uma arena de disputa entre interesses, pressões e perspectivas díspares, cujos efeitos na opinião pública não são monolíticos nem inelutáveis,[...] O leitor, ouvinte ou telespectador não são meros receptores passivos, mas intérpretes ativos dos textos, das mensagens e das imagens da mídia.

Diante da complexidade do tema e reconhecendo a dificuldade de se estudar os efeitos da exposição da violência na mídia, esse estudo busca uma perspectiva intermediária, considerando a relação mídia-violência como dialética, onde o principal objetivo não é determinar em que medida essa exposição causa violência, mas sim buscar elementos que ajudem a compreender o processo de formação do crime e da criminalização, como afirma Lyra de Carvalho Jr (2010: 189).

[...] a mídia constitui uma peça chave de uma rede simbólica de informação que cria e distribui conhecimento social sobre o mundo; por outro, o crime, como fenômeno

individual e social, tem raízes e motivações extremamente complexas, impossíveis de serem compreendidas apenas por meio de uma variável.

Levando-se em consideração o papel importante que a mídia tem sobre a formação da opinião da sociedade sobre alguns temas, é importante destacar que a forma como a mídia tem retratado a violência tem contribuído para intensificar as cobranças acerca da ação punitiva do crime, pois segundo Lyra de Carvalho Jr (2010: 188)

[...] o enquadramento episódico, isto é, as instâncias específicas dentro das quais o problema da criminalidade tem sido narrado na mídia ao longo das últimas décadas, sugere ao público uma imputação individualista de responsabilidade que o torna mais propenso a aceitar medidas punitivas contra os culpados, apontados dentro desses *frames* narrativos.

Isso ocorre principalmente porque nos regimes democráticos, antes que uma lei seja criada, normalmente existe um debate público ou pelo menos uma demanda de uma determinada parcela da sociedade, e neste processo a mídia possui um papel decisivo, um exemplo disso é o tema da redução da maior idade penal, que constantemente vem a tona e ganha força diante da cobertura sensacionalista da mídia, de algum crime violento praticado por menores de idade.

Desta forma, como podemos ver, são muitas as implicações da exposição da violência na mídia, demonstrando a relevância do tema, e, é nesta perspectiva que o trabalho se desenvolve, ou seja, buscando explorar como esse processo tem ocorrido na cidade de Viçosa-Mg.

2.2 As notícias nos jornais de Viçosa-MG

Os jornais de Viçosa-MG têm uma estrutura muito similar. O Folha da Mata tem em média 24 (vinte e quatro) páginas, medindo 28 centímetros de largura, por 40 centímetros de altura, onde em média são destinadas 5 (cinco) páginas finais para as notícias sobre violência e criminalidade. Neste espaço, aulam-se informações de crimes ocorridos em Viçosa e cidades vizinhas durante semana.

O jornal Tribuna Livre por sua vez, tem em média 20 (vinte) páginas, medindo 30 centímetros de largura e 40 centímetros de altura, sendo em média apresentado 3 (três)

páginas com conteúdo policial. As notícias policiais também vem no final do caderno, como no Folha da Mata.

Os jornais de Viçosa trazem semanalmente notícias sobre criminalidade e violência, muitas vezes com destaque para crimes violentos. Para se ter uma ideia, em um levantamento feito nos quatro primeiros meses do ano de 2015, foi constatado que das 16 edições publicadas pelo jornal Folha da Mata, 5 traziam notícias de violência e criminalidade em destaque na capa, sendo que todas as reportagens, eram sobre homicídios, mortes em acidentes de trânsito ou ligadas ao tráfico de drogas. Já o jornal Tribuna Livre, foi verificado que das 16 edições publicadas nos quatro primeiros meses do ano de 2015, quatro mostravam notícias sobre violência em destaque na capa, sendo que uma edição, tratava de casos de furtos na UFV, as demais eram, homicídios, operações ligadas ao tráfico de drogas e acidentes de trânsito. No interior dos jornais, o que se observa é uma exposição de grande quantidade de notícias, sendo que, constantemente são exibidas pelo jornal Folha da Mata, notícias de fatos ocorridos na cidade de Ubá-Mg. Os crimes, noticiados são variados: furtos, roubos, lesões corporais, homicídios, tráfico de entorpecente, dentre outros. Sendo que os mais violentos recebem destaque, seja na capa, ou mesmo no maior espaço da notícia, em consonância com os estudos de mídia e criminalidade (Melo, 2010).

Um exemplo disso, pode ser observado na edição de número 2396, publicada em 12/03/2015, onde aproximadamente 60% do espaço da capa foi destinado para um dado alarmante, com o título “11 ASSASSINATOS EM 6 SEMANAS EM VIÇOSA”, com destaque para as fotos das onze vítimas, incluindo dois adolescentes, um de 14 anos e outro de 17, como mostra a figura 01. Esta edição teve uma tiragem acima da média e mesmo assim foi constatado pelo pesquisador que o jornal se esgotou em diversos pontos de venda, um dia após o início das vendas. Em um dos estabelecimentos, o vendedor ainda afirmou que, se ele possuísse pelo menos mais cem exemplares teria vendido todos.

Figura 01



Capa do jornal Folha da Mata. Edição Nº 2396 -12/03/2015

Esta imagem contradiz uma fala do diretor do jornal Folha da Mata, quando perguntado se já tiveram problemas por expor imagens no jornal, onde ele afirma que, o jornal não expõem, o nome das vítimas, no intuito de evitar retratações. Segundo o diretor: “Já tivemos problemas, hoje a linha do jornal por exemplo tem o costume não citar o nome de vítima, nas nossas notícias,[...]” (Entrevistado Pelmio Simões de Carvalho)⁴. Observa-se que para o caso das notícias de homicídios, esta afirmação não é verdadeira tendo em vista que todas as reportagens desse tema apresentavam foto e nome da vítima.

Outro aspecto do jornal que também merece destaque é a repetição de notícias de grande repercussão, principalmente através da apresentação de imagens, seja do suspeito,

⁴ Entrevistado Pélimio Simões de Carvalho Filho, atual diretor do jornal Folha da Mata. Entrevista concedida no dia 17 de abril de 2015, na redação do jornal Folha da Mata, às 9:30 horas, com duração de aproximadamente 17 minutos.

vítima ou material apreendido, demonstrando que existe uma atenção especial para as notícias sobre violência. Segundo o diretor Pélmio S. de Carvalho Filho, nas notícias policiais apareciam apenas questões da semana:

[...] normalmente essas reuniões são comandadas por mim, e a gente decide qual que vai ser a pauta de edição do jornal. Quais as notícias que serão abordadas. Na verdade é, a sua pesquisa é na parte de violência, é geralmente uma coisa que não tem pauta né, a violência a gente relata fatos acontecidos naquela semana, o jornal é semanal, então não há uma reunião de pauta, especificamente na editoria policial.

Como se sabe, não é uma questão apenas semanal. Somente no mês de abril, o jornal “Folha da Mata”, exibiu a mesma notícia de uma operação policial contra o tráfico de drogas, utilizando as fotos dos investigados durante quatro edições, sendo constatado que os jornais se esgotaram em quase todos os pontos de venda já na sexta-feira, um dia após o início da comercialização.

Este fato comprova o poder que a mídia possui em agendar quais fatos merecem destaque na imprensa, influenciando na formação do agenda *setting*, (Mccombs & Shaw, 2000b: 131), ou seja, os fatos que recebem maior destaque na mídia são os mesmos que se destacam nas agendas de preocupações das pessoas. Um dos criminalizados entrevistados, falou sobre essa exploração das imagens e da repetição das notícias,

Aí saiu duas vezes né, no caso a primeira dizendo que a chefe da quadrilha do “Bosque”, tinha sido presa por causa de seis pedras de crack e um bagulho, e outra dizendo que eu era ramificadora do “João” no “Bosque”, então isso foi se repetido enquanto foi tendo audiência, da associação entre eles e eu foi saindo no jornal. Entrevistada 10.

Através da análise dos jornais, ficou bastante evidente que o “Folha da Mata”, explora a questão da violência de forma mais ativa, argumento que se reforça principalmente pelo número mínimo de páginas policiais, ou seja, pelo menos cinco páginas, das vinte e quatro totais do caderno saem com conteúdo policial, independentemente do número de crimes ocorridos na cidade de Viçosa e demais cidades por onde circula o jornal, o que representa cerca de 20,83% do espaço dos jornais. Já no jornal Tribuna Livre, o espaço destinado a página policial representa uma porcentagem representa 15% do espaço total do jornal.

Em um levantamento feito nas dezesseis edições do jornal, publicadas entre janeiro de 2015 e abril de 2015, foi constatado que nas edições do Folha da Mata de números, 2389, 2391, 2393, 2394, 2400, 2402, 2403, 2390, foram exibidas notícias de crimes ocorridos em outras cidades, como Ponte Nova, Ubá, Juiz de Fora e Piranga, sendo que as três últimas, ficam fora da circulação do jornal. Além disso, foi constatado que todas as notícias exibidas na página policial, cujos crimes ocorreram em outras cidades, se tratavam de crimes violentos contra a vida, ou operações policiais de grande repercussão, comprovando o destaque para os crimes violentos na mídia.

Segundo Melo (2014: 169-170 apud Chermak, 1994; Melo, 2010),

Os crime violentos são acontecimentos dotados de valores- notícia.[...] Por isso, é central destacarmos que a pauta jornalística – os fatos que compõem a agenda midiática – é uma construção social de temas eleitos numa gama de temas passíveis de seleção. Essa escolha decorre de decisões de política editorial que delimitam o grau de importância dos fatos segundo critérios jornalísticos - valores-notícia – compartilhados pela mídia em geral (Chermak, 1994; Melo, 2010).

Na edição de número 2403 do jornal Folha da Mata, de 29/04/15, é possível se verificar claramente esta constatação, pois das cinco páginas com conteúdo policial, uma se tratava de notícia repetida por quatro edições e uma de notícias de Ponte Nova e Ubá, retratando crimes violentos e de grande repercussão. Sendo possível, afirmar que o número de páginas destinadas a violência e à criminalidade, independe do número de crimes ocorridos na cidade naquela semana, algo que destoia da regularidade de outro grupo de notícias como esporte e outros. Assim, há uma regularidade que reforça a impressão de uma cidade mais violenta.

No caso do jornal Tribuna Livre, a incidência de notícias sobre crimes ocorridos em outras cidades fora da circulação do jornal, é menor, pois das dezesseis edições analisados, apenas as edições número, 1231, 1233, 1234, 1239, 1242, apresentavam crimes ocorridos fora das cidades de circulação do jornal. Contudo o destaque é também para os crimes violentos e de maior repercussão.

As notícias sobre violência vêm quase sempre acompanhadas de fotos de suspeitos e vítimas, principalmente nos casos de crimes violentos e de grande repercussão, com destaque para os crimes de homicídio consumado e roubo a mão armada. De acordo com ambos os jornais, esses crimes recebem maior importância na hora de diagramar os

jornais, ocupando lugar de destaque como a capa e o topo das páginas, como afirma o Diretor do jornal Folha da Mata:

[...], como envolve violência contra a pessoa, são os crimes que a gente costuma dar mais importância na hora de diagramar o jornal, até mesmo os assaltos tem mais destaque que os furtos, os crimes de atentado, os assassinatos consumados, os homicídios consumados. Então assim, são os crimes que geralmente ocupam a cabeça da página, são os crimes que a gente dá mais destaque sem dúvida nenhuma. Entrevistado P. S. C. F.

De acordo com Melo (2010: 19 apud Alexander, 1992, 2002, 2004),

Ao agendar assuntos, a imprensa está fazendo uma escolha arbitrária do que deve ser alçado ao nível de problema público a partir de um leque de problemas sociais. A mídia, deste modo, tem responsabilidade ao atribuir sentido aos fatos, criar, instituir, e inventar um mundo que só é acessível pelo discurso.

Um fato muito marcante em ambos jornais consiste na forma chocante com que as fotos são apresentadas, muitas vezes mostrando sangue das vítimas escorrido pelo chão, cadáveres estendidos, vítimas de acidente presas as ferragens, fotos retiradas imediatamente após a ocorrência do fato, causando grande impacto nos leitores.

Essa dramatização das imagens apresentadas, foi justificado pelo Diretor do jornal Folha da Mata, pela grande disseminação das redes sociais e dos celulares com câmera fotográfica. De acordo com o senhor Pélmio Simões de Carvalho, diretor do jornal Folha da Mata, “[...], hoje tem as redes sociais, que é uma coisa que alimenta demais o jornal de informação, então as notícias chegam pra gente através Whatsapp, através do Face Book, principalmente hoje o Whatsapp”.

Figura 02



Foto retirada do jornal Tribuna Livre. Edição Nº 1238-11/03/2015

É importante destacar, que segundo os diretores dos jornais existe um bom relacionamento entre os jornais e os órgãos de segurança pública, incluindo-se o presídio local, principais fornecedores de notícias. Vale destacar que semanalmente, funcionários do jornal entram em contato com o Presídio local para buscar informações de pessoas que tiveram a prisão decretada pela justiça, normalmente procuram saber se estas pessoas continuam presas.

Segundo o diretor do Folha da Mata, esse contato direto garante a exatidão das notícias apresentadas aos leitores, evitando retratações e processos por danos morais

A nossa rede de contatos, já informa o jornal do que está acontecendo, e muitas vezes já manda pra gente a foto, e a gente corre atrás dessa informação depois, junto aos órgãos de segurança pública, que é a polícia militar, polícia civil, geralmente a polícia militar e a polícia civil, são as que mais nos fornecem informação. Entrevistado Pélmio Simões de Carvalho.

É importante destacar que, foi constatado durante a visita na redação dos jornais a chegada de informações sobre fatos policiais constantes, em tempo real. Outro fato que também merece destaque, é que muitas vezes as fotos das vítimas de homicídios, são as mesmas apresentadas, na página policial como autores de crimes, demonstrando a existência de um arquivo de imagens. Fatos que demonstram a importância das notícias policiais.

2.3 A Visão dos editores.

As entrevistas com os diretores dos jornais ocorreram nas próprias redações. No Folha da Mata foi possível gravar a entrevista, com o Diretor do jornal, que é filho de um dos fundadores. Ocupando atualmente diversas funções, dentre elas, funções administrativas e editoria do jornal.

O jornal Folha da Mata possui uma tiragem média de 6000 exemplares, sendo possível um aumento nesse número de até 15%. Segundo o diretor, não existe a possibilidade de fazer um incremento maior da tiragem devido a uma estrutura de venda, logística e impressão já pré-fixada, o que impede o aumento repentino da tiragem mediante o acontecimento de algum fato extraordinário.

Contudo ele deixou claro, que a ocorrência desses fatos como crimes de grande repercussão influenciam principalmente no tempo de venda do jornal, que normalmente se esgotam já no primeiro ou no segundo dia de venda, não existindo reposição.

Isto porque segundo o diretor, cada vendedor já possui uma cota de venda fixada, não sendo possível ultrapassá-la em mais do que 10 ou 15%. Este dado repassado pelo editor foi confirmado pelo pesquisador, pois no mês de abril/2015, foi constatado que o jornal se esgotou em diversos pontos de venda ainda na sexta-feira, um dia após o início das vendas.

É sim, igual eu te falei, há uma procura maior do leitor pelo jornal, mas a gente não tem esse jornal a mais para o leitor, a gente não tem como atender essa pessoa com mais exemplares. Geralmente o que acontece é um aumento aí de 15%, na tiragem, na venda do jornal, 10, 15%. Entrevistado P. S. C. F.

Já na redação do jornal Tribuna Livre, não foi possível gravar as entrevistas, pois o diretor, preferiu encaminhar as respostas por escrito via e-mail. O entrevistado exerce a função de diretor há quase 30 anos, desde a fundação do jornal, tendo como atribuições, a redação, revisão e tomada de decisão das pautas do jornal. Contudo, apesar de não permitir agravação da entrevista, teve tempo para uma agradável conversa que durou mais de uma hora, e que resultou em informações bastante interessantes acerca da representação da violência nos jornais de Viçosa.

O destaque dessa conversa foi o aumento da criminalidade na cidade, principalmente de crimes violentos, homicídios e roubos a mão armada. O editor ainda

destacou que, esse aumento da violência tem repercutido negativamente em outras cidades. Ele citou um fato de que um amigo não deixou o filho vir para a cidade estudar, por causa da violência, preferindo que ele fosse para uma cidade aparentemente menos violenta.

Na opinião dos editores, o aumento do espaço destinado às notícias sobre violência e criminalidade, cresceu bastante nos últimos dez anos, principalmente devido ao aumento da criminalidade na cidade, com destaque para os crimes como roubo a mão armada e homicídio. Contudo, em entrevista, o diretor do jornal Folha da Mata, afirmou que o aumento ocorreu também em outras partes do jornal, só para se ter uma ideia, o jornal possuía em média 18 páginas e hoje circula com média de 24 páginas, porém o aumento da página policial foi bastante considerável, segundo ele há dez anos, as notícias policiais ocupavam em média duas páginas, e hoje em média são 5 páginas, já a parte de esportes passou de uma para duas páginas.

Na visão do editor do jornal Folha da Mata, as notícias sobre violência têm uma grande influência nas vendas do jornal, mas principalmente sobre o leitor esporádico, aquele que só compra o jornal quando ocorre um fato de grande repercussão. Contudo deixou bem claro que, uma grande parcela do jornal é consumida por leitores assíduos, que compram o jornal independente da ocorrência de crimes. Embora tenha citado essa informação, o diretor do jornal não revelou essas porcentagens. Na opinião dele:

[...] na verdade é o seguinte, o jornal ele tem hoje [...] um volume de leitores que são assíduos ao jornal, toda semana aquela pessoa tendo ou não notícia na página policial ela compra o jornal. Existem leitores que só compram o jornal se tiver uma manchete policial, [...] Entrevistado P. S. C. F.

Apesar dessa informação, o diretor do jornal afirmou que nos locais onde ocorreram algum crime violento é comum haver um reforço no número de exemplares ofertados aos leitores, fato que comprova a importância das notícias sobre violência.

De acordo com os diretores de ambos os jornais, a questão das imagens também possui uma íntima relação com o interesse do leitor, mas não especificamente das notícias sobre violência, para o senhor P. S. C. F., diretor do Folha da Mata,

[...], a imagem retratada no jornal é uma coisa bem importante pro leitor, é um chamariz pro leitor independente de ser na página policial ou não. Então quando o leitor abre o jornal e vê uma fotografia, independente de ser página policial, se aquela fotografia for interessante pra ele, ele se fixa naquela matéria, [...].

As notícias sobre violência, em destaque na capa, também têm influência nas vendas, fazendo com que o jornal se esgote mais rapidamente. Na opinião do senhor Lúcio Sant' Ana, diretor do jornal Tribuna Livre, a capa é a cara do jornal, e como os temas sobre violência são os mais procurados, então influência bastante, chegando a ter uma variação na tiragem em torno de 2000 a 6000 exemplares por edição.

Segundo o diretor do jornal Folha da Mata, não é comum ocorrer questionamentos por expor imagens de criminalizados no jornal, afirmando, contudo que isso já ocorreu. Para o diretor do jornal Tribuna Livre, este questionamento é bem comum, mas é um preço a ser pago por prestar serviços à comunidade. Vale destacar que, no momento da pesquisa no acervo do jornal, dois funcionários reclamavam de uma senhora que esteve na redação reclamando por ter sido publicada a foto do seu filho na página policial.

CAPÍTULO 3

DESCRIÇÃO ETNOGRÁFICA DO COMPORTAMENTO DOS CRIMINALISADOS NO CONTATO COM O JORNAL

A etnografia constitui um importante método de coleta de dados nas pesquisas da área das ciências sociais, originalmente com destaque para Antropologia, principalmente nos estudos de povos tradicionais. Contudo, recentemente a etnografia tem sido utilizada para estudos que busquem a compreensão das dinâmicas sociais que se desenvolvem nas cidades (Magnani, 2012: 20).

Desta forma, seguindo as orientações de Magnani (2002), decidi debruçar-me num olhar *de perto e de dentro*⁵, nas dinâmicas sociais que se desenvolvem entre os criminalizados no interior do presídio. A observação do comportamento dos criminalizados no interior do presídio ocorreu durante os meses de fevereiro e março, com ênfase no dia da entrega do jornal, porém a observação ocorria durante outros períodos, como no horário banho de sol, onde era observado, principalmente, os comentários sobre os crimes ocorridos durante a semana.

O período de observação teve grande contribuição no desenvolvimento da pesquisa, principalmente na elaboração das entrevistas, devendo ser destacado nesta fase a inserção do pesquisador no campo de pesquisa, o que facilitou o acesso e a frequência das observações. Os relatos no caderno de campo expressam fielmente o dia-a-dia dos presos quando do contato com o jornal, trazendo não apenas o que pode ser visto, mas principalmente o que é falado, ou seja, os comentários que surgem entre os presos.

O jornal, normalmente, é entregue aos presos na sexta-feira, contudo, já no início da semana é perceptível a ansiedade dos presos para ver as notícias publicadas, isso porque muitas vezes os visitantes já informam de algum fato ocorrido durante a semana, já que a edição do jornal é fechada na quarta-feira, e a visita social ocorre aos sábados. Merece destaque a curiosidade dos presos que chegaram durante aquela semana, pois estes ficam

⁵ Expressão cunhada por José Guilherme Cantor Magnani, para caracterizar uma perspectiva da observação etnográfica, que permite identificar, descrever e refletir sobre determinados aspectos da vida cotidiana que transcorrem nas paisagens urbanas, em contraposição a um olhar que o autor classifica como “de fora e de longe”.

esperando para ver se a notícia da sua prisão será publicada e principalmente a forma com que será publicada.

Um dos aspectos mais interessantes da observação é a roda de pessoas que se forma durante a leitura do jornal, já que muitas vezes é adquirido apenas um exemplar por galeria sendo necessário o revezamento para ler as notícias. Durante a observação, houve dias em que mais de dez pessoas liam a notícia ao mesmo tempo, ficava claro o interesse pela página policial, que apesar de estar localizada no final do jornal era sempre a primeira a ser lida.

Normalmente, o jornal é colocado no chão, onde apenas uma pessoa vira as páginas, normalmente o dono do jornal, forma-se uma primeira fila onde alguns se sentam ou agaicham, enquanto os demais ficam de pé, em torno do jornal, tentando pelo menos visualizar as imagens. Muitos presos pediam o jornal emprestado, principalmente aqueles que não haviam saído para o pátio de banho de sol, permanecendo nas celas. Muitos comentários foram observados nesse período, principalmente dependendo do que se falava na reportagem, ou das imagens apresentados.

Era recorrente a intimidade com que alguns presos falavam de pessoa presas durante a semana, e que muitas vezes não eram conduzidas para o presídio, demonstrando um vínculo de amizade, entre as pessoas envolvidas em ocorrências criminais. Com aqueles que eram conduzidos ao presídio, era verificada a mesma intimidade, por várias vezes foi ouvido o seguinte comentário: “o nego você rodo (foi peso) como que, 157 (roubo), então, é nós, se tá ligado, vou te fortalecer aí com um cigarro”.

Muitos comentários surgiam durante a leitura do jornal, por exemplo, quando o sujeito aparecia no jornal com uma arma semi automática ou de grosso calibre, é muito comum ouvir a seguinte frase: “caraça moleque, cê tava bem na fita.” ou então “porra moleque cê tava maquinado hein”, se tratando de um motivo de orgulho para os colegas. Esses comentários também ficavam muito evidentes, principalmente quando ocorria alguma notícia de crime violento, como troca de tiros com a polícia.

O conceito de “ethos guerreiro⁶” proposto por Alba Zaluar, pode nos ajudar a compreender esse comportamento, pois nestes espaços predominam um “*ethos* guerreiro, de hipermasculinidade ou de excesso na virilidade agressiva e destrutiva, ao qual aderem

⁶ Conceito cunhado por Alba Zaluar (2010), para definir a identidade de guerreiro representada pelo traficante de periferia, onde segundo a autora predomina a ideia de uma cultura de *hipermasculinidade*, exibição de símbolos fálcos (arma, poder) e “poligamia”.

os jovens atraídos pelas quadrilhas, impregna o lugar onde os meninos crescem. Pois é nas ruas que eles são em parte socializados.” (Zaluar, 2010: 632).

Após essa exibição, muitas vezes a pessoa passava a ser assediada pelos demais presos, recebendo muitas vezes tratamento privilegiado. Se a notícia era bem vista pelos demais presos, o sujeito se sentia o “*dono do pedaço*”⁷, pois dali para frente muitos se aproximariam no intuito de estreitar os laços de amizade. Pois segundo Magnani (2002: 21), “[...] para ser do pedaço; era preciso estar situado (e ser reconhecido como tal) numa peculiar rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedência, vínculos definidos por participação em atividades comunitárias e desportivas etc”.

Por outro lado, foi possível perceber que alguns crimes podem denegrir muito a imagem do sujeito entre os demais presos, principalmente os crimes de estupro e lesão corporal contra a mãe, ou familiar de idade avançada. Se o dia anterior à entrega do jornal merece destaque, principalmente pela ansiedade, o período após o contato com o jornal também, traz grandes mudanças de comportamento.

Muitas vezes a notícia é mostrada de uma forma diferente daquela contada pelo sujeito detido, o que em muitos casos gera conflitos entre os presos. Um exemplo desse conflito, é quando o jornal noticia que os demais sujeitos envolvidos em alguma ocorrência foram presos a partir das informações prestadas, por um comparsa, isso normalmente gera repúdio entre os presos.

Outra situação também observada, mais de uma vez, foi o fato de algum indivíduo chegar preso por lesão corporal, e quando o jornal traz a notícia, informa que a agressão foi contra a mãe do sujeito que era idosa, esse fato geralmente é seguido de agressão física ou ameaça, necessitando de intervenção da guarda prisional.

Um período observado merece destaque, no dia dez de fevereiro foi assassinado em Viçosa um suposto, líder do tráfico de drogas na cidade o que gerou muito alvoroço, não somente dentro do presídio, mas também entre toda população, já que circulavam pelas redes sociais boatos de um possível toque de recolher e de retaliações pela sua morte. O recebimento da notícia ocorreu um dia depois do assassinato, quando dois Agentes Penitenciários conversavam sobre o fato, e um preso que realiza o trabalho de limpeza da galeria esquerda ouviu e perguntou se era verdade aquela informação, quando respondido

⁷ Para Magnani (2002: 22), o conceito está associado a um grupo de pessoas que compartilham das mesmas regras, usam as mesmas roupas, possuem uma mesma postura corporal, gostam das mesmas músicas. Para o autor “ser do pedaço” não está ligado diretamente a moradia, mas principalmente à questão do compartilhamento de códigos.

que sim foi visível o estado de choque em que ficou, já que se tratava de um possível comparsa. Imediatamente, o preso passou em frente a cada uma das celas e deu a notícia. Muitos dos presos que se encontravam nesta galeria eram apontados como comparsas. Nesta semana, um dia antes da entrega dos jornais, muitos presos perguntavam se iria antecipar a compra, fato que ocorre esporadicamente. Os detentos já sabiam do ocorrido, porém não tinham detalhes sobre o fato.

Apesar de alguns entrevistados demonstrarem arrependimento durante as suas falas, principalmente quando faziam uma reflexão sobre o crime cometido, ficou muito evidente que, as pessoas presas por crimes violentos recebem tratamento diferenciado por parte dos detentos, ou seja, são mais respeitados e admirados. Por causa deste fato, muitos comentários foram registrados, com destaque para aqueles onde os presos afirmavam que só voltariam a ser presos por um crime mais violento; “cansei de ser ladrão de micharia, só saio na página policial se for no 157 “boladão” (roubo a mão armada) ou no 121(homicídio).” Ou “to legal de cadeia, não venho preso mais, si quiser me prender vai ter que me enfrentar”, fazendo menção ao enfrentamento à polícia, caso cometa outro crime, isto porque nas entrevistas fica bastante evidente que pessoas presas por crimes mais violentos, são mais respeitados pelos companheiros de prisão.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM OS PRESOS

4.1. Os entrevistados

O processo de entrevista foi realizado dentro do Presídio de Viçosa, em uma sala reservada, utilizada pelo Coordenador de Segurança. As entrevistas ocorreram durante os dias de semana, aproveitando as oportunidades de realização de entrevistas para a Comissão Técnica de Classificação.

Se por um lado, o fato do pesquisador trabalhar no interior do presídio ajudou na inserção, no campo de pesquisa, bem como no conhecimento do linguajar e gírias utilizadas pelos criminalizados, facilitando a análise dos conteúdos. Por outro, devido a essa inserção foi preciso tomar muito cuidado para não expor os entrevistados ao risco de serem chamados de “X9” ou “boca preta”, termos utilizados para definir uma pessoa que fez alguma delação em troca de benefícios, e que possui uma carga moral muito forte no interior do presídio, podendo até mesmo custar a vida de uma pessoa.

Outro motivo para a realização das entrevistas nesse sistema consistiu no fato de que os presos não tiveram como conversar sobre as entrevistas, já que eles não sabiam inicialmente que seriam convidados a participar voluntariamente da pesquisa, evitando assim a combinação de respostas. Após o encerramento do preenchimento do formulário de classificação, os sujeitos eram convidados a participar da pesquisa. Nesse momento, era explicado que se tratava de uma pesquisa de conclusão de curso pela Universidade Federal de Viçosa, onde o trabalho buscava conhecer a opinião das pessoas que estavam presas, sobre os jornais de Viçosa e mais especificamente sobre as notícias de violência e criminalidade apresentadas pela imprensa da cidade.

De forma geral os entrevistados podem ser caracterizados da seguinte forma:

<p>Entrevistado 1: Homem, pardo, casado, 27 anos, servente de pedreiro, estudou até quarta série, preso por furto, preso a cinco meses, encontra-se condenado no regime semiaberto.</p>
--

<p>Entrevistado 2: Homem, pardo, solteiro, 31 anos, horticultor e chapeiro, ensino médio incompleto, preso por furto a quatro meses, aguardando sentença.</p>
--

<p>Entrevistado 3: Homem, negro, casado, 32 anos, retireiro, estudou até a quarta série,</p>

preso por porte ilegal de arma, preso a nove meses, condenado regime semi aberto.
Entrevistado 4: Homem, branco, solteiro, 36 anos, ajudante de caminhoneiro, estudou até a terceira série, preso por tráfico de drogas e associação, preso a um ano e quatro meses, condenado regime fechado.
Entrevistado 5: Homem, branco, casado, 32 anos, servente de obra, estudou até o segundo grau completo, preso por roubo, preso a um ano e cinco meses, condenado regime fechado.
Entrevistada 6: Homem, pardo, solteiro, 32 anos, mecânico e serralheiro, estudou até a terceira série, preso por furto, preso a mais de um mês, preso provisório.
Entrevistado 7: Homem, branco, casado, 30 anos, servente de pedreiro e segurança, estudou até o segundo ano do segundo grau, preso por roubo, furto e porte de arma, preso a dois anos e sete meses, preso condenado em regime fechado.
Entrevistado 8: Mulher, branca, amasiada, 32 anos, domestica, estudou até o segundo ano do segundo grau, preso por tráfico, presa a um ano e cinco meses, preso condenado em regime fechado.
Entrevistado 9: Mulher, negra, 49 anos, domestica e comerciante, estudou até a oitava série, presa por tráfico de drogas, presa a quinze dias, presa provisoriamente aguardando julgamento.
Entrevistado 10: Mulher, branca, solteira, 24 anos, faxineira, estudou até a sétima série, presa por tráfico de drogas e formação de quadrilha, presa a um ano e oito meses, presa condenada no regime fechado.

A aceitação dos criminalizados em dar a entrevista, foi boa, entre as pessoas presas por furto, roubo, tráfico de drogas, contudo, nenhum dos criminalizados, em cumprimento de pena por estupro aceitou participar da pesquisa, o que se justifica devido ao fato de ser um crime de grande repúdio social, principalmente entre os detentos.

Em quase todas as entrevistas realizadas, foi possível perceber que a pessoa presa pelo crime de estupro, é marcado negativamente tanto entre os presos quanto no resto da sociedade, para o entrevistado 01, existe uma grande diferença de tratamento por causa do crime cometido, “Vamos supor, vem preso num 157 (roubo), chega um preso no 213 (estupro), é uma diferença imensa pros presos”. Essa diferença no tratamento, contribui para reforçar o estigma, como se vê na fala do entrevistado 03: “por exemplo a cara que comete estupro, dali pra frente nenhuma mulher vai aproximar dele, se eu tenho uma filha,

ou o senhor tem uma filha não vai deixar aproximar dele, não vai deixar passar na rua dele sozinha.”

Além da repercussão da notícia gerada pelo crime cometido, também ficou muito evidente, o grande interesse das pessoas privadas de liberdade pela leitura dos jornais, sendo destacado por todos eles um maior interesse pelas notícias policiais, se justificando principalmente pela proximidade com outras pessoas em conflito com a lei, como afirma os Entrevistados 05 e 07:

Por que, é tipo assim né o “Fulano”. Eu tenho muita gente conhecida, que eu já fui envolvido, que eu já envolvi no crime, né, rua mesmo, aí eu sempre olho se tem mais gente conhecida no jornal ali, e sempre tem. Entrevistado 05

“Pra ficar a par do que está acontecendo na cidade. Ver alguns amigos meus que está sendo presos, outros até morrendo.” Entrevistado 07

Estudos sobre rotulação, têm demonstrado esse problema, já que indivíduos identificados como desviantes tendem a se associar com outras pessoas que foram rotuladas como desviantes, isso porque em alguns casos essas pessoas foram institucionalizadas juntas, ou porque encontram dificuldades de se associar com outros grupos, Durante (2014).

Além do interesse de saber se tem algum conhecido ou inimigo na página policial, também foi destacado pelos criminalizados entrevistados, a questão de saber a “verdade”, ou seja saber uma outra versão que não seja a do sujeito envolvido no crime. O entrevistado 02, explica essa situação, enfatizando que o jornal é um importante meio de informação entre os criminalizados:

[...] por devido eu tá no crime, infelizmente eu tá no crime, ter muitos colegas que também estão no crime, entendeu, então a gente interessa saber o motivo pelo qual eles estão vindo preso, o motivo pelo qual ele cometeu aquele delito, enfim saber a verdade né. Entrevistado 02.

Embora o entrevistado dois destaque a questão da verdade, nem todos concordam que o jornal fale sempre a verdade, já que muitas vezes atribuem motivos aos crimes antes das investigações, fato destacado pela Entrevistada 10:

Porque nem tudo que eles colocam na página policial é verdade né. Porque muitas das vezes, se uma pessoa morre é o tráfico, se a outra morre é o tráfico, mas nem sempre o homicídio é o tráfico, [...] Por exemplo, me acusam de muitas coisas, mas ninguém conhece a minha vida pra poder me acusar das coisas, que acusam, entendeu.

A partir dessas questões foi possível se perceber que a exposição das notícias sobre violência e criminalidade nos jornais de Viçosa-Mg, têm contribuído para realçar determinadas características nos criminalizados dificultando a reinserção dessas pessoas na comunidade onde vivem, devido ao rótulo negativo que recebem por aparecer numa página policial.

4.2. A rotulação e o estigma gerado pela exposição na página policial

Os seres humanos, em seu processo de socialização, seguem uma tendência de associar um adjetivo a um substantivo, ou seja, costumamos vincular qualidades ou defeitos a determinadas coisas, como afirma Werneck (2014: 106),

Nós humanos, somos assim: apontamos uma coisa baseada na crença em uma “substância” e lhe atribuímos características que ficam ao seu lado, “adjetivas”, e que, por isso, a ela tendem a aderir. Trata-se de uma aposta que atravessa nossas ações/interações/relações sociais: a de que somos capazes de prever como os outros se comportam por meio de categorias gerais nas quais os alocamos baseando-nos em uma capacidade de discernir sua substância “essencial” e seus atributos característicos no momento do reconhecimento.

As páginas policiais dos dois jornais de Viçosa-Mg, são geralmente ocupadas por jovens, de baixa renda, moradores de bairros periféricos e ligados a profissões informais o que se comprova no perfil dos presos no Presídio de Viçosa, bem como no perfil dos entrevistados. Dessa forma, a cobertura dada pela mídia à violência vem agravando a questão do estigma e do rótulo, contribuindo para criar um perfil de pessoas tidas como indesejadas, como afirma Misse (2014: 208):

Nesse sentido, o estigma substitui o preconceito para se transformar numa categoria classificatória com a qual indivíduos e grupos são “marcados” negativamente para a perspectiva igualitária. No caso da sujeição criminal ocorre a mesma coisa, só que o detonador é apresentado como uma “regra de experiência” e não como um preconceito. Trata-se de alguém ou de um grupo social em relação ao qual “sabe-se” preventivamente

que poderão nos fazer mal, assaltar-nos, violar-nos, matar-nos. São cruéis, matam por nada, não respeitam ninguém, não têm valores nem ideias, são “monstros”, “animais”, “pessoas do mal”, bandidos infames. No limite, sua vida é indesejável para a sociedade (pensada como “eu mesmo”, como uma unidade homogênea e isenta de anormalidade).

Por isso, dependendo da abordagem dada pela mídia, as notícias de violência e criminalidade, podem gerar uma espécie rótulo dos comportamentos desviantes. Werneck (2014: 112) afirma que “[...] alguém precisa se dar ao trabalho de convencer os outros de que outro alguém merece um rótulo...”, esse tem sido em muitos casos o papel da mídia, ao explorar casos de crimes violentos praticada por menores infratores e outros tipos tidos como desviantes, tendo como objetivo, associar uma imagem permanente de delinquência a uma determinada classe, seguindo “uma lógica de, no mínimo segregação; no máximo, punição.”

Um exemplo disso, foi uma reportagem exibida na edição número 1233 do jornal Folha da Mata, de 04/02/2015, trazendo uma reportagem com o seguinte título, “ “Nariz de garrucha” volta as páginas policiais”, deixando claro um tom de familiaridade ao apresentar o criminalizado.

Desta forma, a sociedade, passa a ser influenciada pela forma com que a mídia retrata a criminalidade e a violência, tomando como natural algumas associações como pobreza e criminalidade, ou a imposição da pena como forma de resolução de problemas da criminalidade (Melo, 2014: 172), dificultado a reinserção dessas pessoas na sociedade, fazendo-os se aproximarem mais de outros indivíduos na mesma situação.

Esta questão encontra amparo em quase todas as entrevistas, pois a maioria dos entrevistados afirma que o principal motivo para ler a página policial e ver os amigos e saber o que eles estão fazendo, como destaca o entrevistado 02: “[...] por devido eu tá no crime, infelizmente eu tá no crime, ter muitos colegas que também estão no crime, entendeu, então a gente interessa saber o motivo pelo qual eles estão vindo preso, [...]”.

Deste modo, a mídia, através da exposição da violência e da criminalidade tem contribuído para asseverar esse processo de criação dos estereótipos negativos da nossa sociedade, para Mello (1999: 138):

os meios de comunicação não se limitam a informar. Eles tomam partido, julgam e condenam. Ao assim agirem, aprofundam o temor e a ignorância do público que deveriam informar, usando mensagens e códigos profundamente estereotipados. O preconceito alimenta-se dos estereótipos e gera os estigmas.

Com isso, Werneck (2014: 107 apud Tannenbaum, 1938: 19-20), afirma que o processo de etiquetagem, ou seja “pendurar uma etiqueta, marcar alguém como “criminoso”, é parte importante do processo de inserção do sujeito no “mundo do crime”, uma vez que “a pessoa passa ao centro da arena de moralização de atos”. Desta forma dificultando o acesso ao emprego e o regate do respeito pela sociedade, como pode se perceber no relato Entrevistado 07:

Você sai e tem poucas oportunidades né, as pessoas tudo te conhecem, por exemplo a cidade que eu residio São Miguel, muita gente lá não aceita né. O empregador lá não vai abrir a porta pra um cara que vivia só roubando. Pra mim achar serviço foi bem difícil, [...]

Por isso, é preciso deslocar a origem do problema, focando não mais na origem do desvio, mas principalmente nas consequências desse desvio, considerando para isso, o fato de vivermos em uma sociedade onde desconfiamos uns dos outros, levando-se em consideração o processo de atribuição de rótulos, através do qual passamos a orientar as nossas ações, a partir da expectativa de que determinados grupos sociais apresentarão comportamentos “criminosos” (Werneck, 2014: 108). Para o Entrevistado 03, essa rotulação acontece principalmente na hora de procurar emprego, principalmente se as pessoas não conhecerem as suas referências antes da prisão.

Então, eu saia e ia procurar uma fazenda, sei lá um lugar, então chegava lá e já tinha uma informação, “esse cara já teve preso, se eu fosse o senhor não deixava ele ficar trabalhando aí não, porque de repente ele pode dar uma dor de cabeça pro senhor”.

Para compreendermos melhor a questão do estigma gerado pelo processo de criminalização através da exposição da mídia, é importante revermos o significado original do termo “estigma”, criado pelos gregos originalmente, para marcar pessoas que possuíssem alguma característica extraordinária. Como afirma Goffman (2004: 5):

Os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada; especialmente em lugares públicos.

Contudo, em relação à exposição dos sujeitos criminalizados pela mídia, podemos afirmar que, esse processo influencia na formação da imagem que o sujeito tem de si mesmo, fazendo-o incorporar essa marca, esse estigma, como algo inerente a sua identidade, como afirma Goffman 1975: 6)

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, um(a) pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real.

Na visão do editor do jornal Tribuna Livre, os serviços prestados pela imprensa são de utilidade pública, havendo portanto uma grande demanda por notícias sobre violência, até mais do que para outros assuntos. Contudo se para a população em geral o jornal presta um relevante serviço, para os criminalizados em questão, pode-se dizer que essa exposição aumenta o processo de estigmatização de parte da população em conflito com a lei. Isto porque as manchetes policiais retratam apenas o fato em questão, apagando toda história de vida do sujeito, que passa a ser julgado apenas por aquele ato noticiado. Além disso, essas notícias reforçam os estereótipos, uma vez que normalmente tratam-se ações praticadas por jovens, moradores de bairros de periferia, pois segundo Zaluar (2010) nesses espaços existem uma maior vulnerabilidade, das instituições responsáveis pela formação dos sujeitos, o que torna a inserção em quadrilhas ligadas a atividades criminosas bastante atrativo para esses jovens, como explica a autora:

“Não resta dúvida que o jovem vulnerável, em risco, ver-se-ia desvinculado das instituições encarregadas de formá-lo – a família, a comunidade, a escola – e, com a autoimagem fraturada, acabaria sob a influência do grupo de pares. Sem dúvida, a abordagem via rede social tem sido cada vez mais explorada na perspectiva de uma epidemia da violência, do uso de drogas e de armas pelo contágio social, pela imitação e pela pressão do grupo no qual o jovem quer ser aceito por se sentir afastado dos pais, da escola e de outros protetores adultos que não cumprem suas finalidades de proteção, atenção e cuidado. Mesmo admitindo que a pobreza impõe dificuldades no viver que propicia a marginalização do

jovem, é preciso nunca perder de vista que a categoria “pobres” é altamente diferenciada em termos das proteções e apoios recebidos pelos jovens em questão nas vizinhanças onde vivem.” (ZALUAR, 2010: 635-636)

Além disso a prisão contribui para reforçar esse processo uma vez o fato de estar na prisão, independente do motivo, confere ao sujeito uma marca, quase impossível de ser apagada. Na visão de alguns dos entrevistados isso fica claro:

[...] lá fora já tem a separação, a sociedade já repreende, se distancia não tenta ajudar. Independente da forma, se você saiu no jornal por causa de uma agulha, pro jornal você já não vale nada [...] Lá fora se você for caçar um recurso, a pessoa já fala que não vai ajudar, que é isso é aquilo que não merece. Entrevistado 01.

A pessoa aparecer na página policial, é igual eu falei já queima muita a pessoa. Só dele aparecer ali já fica meio manjado na sociedade né, [...] Entrevistado 04.

eu achei uma diferença muito grande, depois que sai da cadeia de Ponte Nova, agente vê que a sociedade olha pra gente diferente, outros julga a gente, [...] Entrevistado 04.

Se a sociedade como um todo julga, as pessoas pelos seus atos mesmo antes da própria justiça comprovar a responsabilidade do indivíduo criminalizado, dentro do presídio essa situação não é diferente, mas pelo contrário, ela se agrava. No contexto da criminalidade, principalmente dentro de uma unidade prisional, o artigo pelo qual o sujeito é preso, normalmente reflete na forma como ele será tratado pelos colegas de prisão.

Sendo que, os crimes de roubo a mão armada, homicídio tráfico de drogas tendem a ser mais valorizados. Como afirma o entrevistado 01:

Vamos supor, vem preso num 157 (roubo com coação da vítima), chega um preso no 213 (estupro), é uma diferença imensa pros presos. Pro preso o sujeito já não tem, não tem valor né, é um verme, a pessoa já é um verme, merece morrer, não merece oportunidade nenhuma.

Apesar desse julgamento ser muito comum nem todos concordam com essa postura, para uma das entrevistadas isso não deveria acontecer já que todos estão presos porque cometeram algum erro, devendo a justiça provar a culpa ou não.

[...] cai aqui dentro todo mundo como errado, eu achava que todo mundo deveria de respeitar o outro, que seja traficante, é ladrão, estuproador, porque todo mundo aqui tá errado, não tem ninguém certo aqui dentro e as vezes quem acha que esta certo cobra do outro, porque acha que o outro tá errado e eu não concordo com esse tipo de coisa. Entrevistado 09.

Através da exposição de jovens criminalizados, pode-se afirmar que tem ocorrido o asseveramento da questão do estigma e do rótulo, agravando o processo de sujeição criminal proposto por Misse (2014). Para o autor “[...] a sujeição criminal refere-se a um processo social pelo qual se dissemina uma expectativa negativa sobre indivíduos e grupos, fazendo-os crer que essa expectativa não só é verdadeira como constitui parte integrante de sua subjetividade” (Misse, 2014: 204).

Esse processo tem ocorrido desde a formação da sociedade nacional, principalmente no Rio de Janeiro, onde os tipos sociais como “o malandro”, “o marginal”, “o vagabundo”, se tornaram modelos negativos, em contraposição ao modelo tido como exemplo de cidadão (Misse, 2014: 207 apud Machado da Silva, 2008).

As consequências desse processo são agravadas pela exposição contínua da violência pela mídia, uma vez que, os crimes violentos, praticados quase sempre por uma determinada camada da sociedade recebem maior destaque, impactando negativamente sobre a sociedade.

Dessa forma, a violência e a criminalidade, tornaram-se questões centrais na pauta de discussões, seja por parte de governos, pesquisadores ou mesmo da própria sociedade. Segundo Tavares dos Santos (2009), essa violência é responsável pela hierarquização da nossa sociedade, uma vez que ela atinge com maior intensidade determinados grupos sociais, fazendo com que se criem diferentes tipos de dominação, por gênero, etnia, por classe social, resultando com isso uma forte processo de exclusão.

Nesse processo, de violência e exclusão é marcante a presença do Estado como forma de controle social de determinados grupos, como afirma Tavares dos Santos (2014: 22):

Como efeito dos processos de fragmentação social e de exclusão econômica e social, emergem as práticas de violência como norma social particular de amplos grupos da sociedade, presentes em múltiplas dimensões da violência social e política contemporânea. Nesse sentido, a violência se configura como norma social para algumas categorias sociais, em contraponto àquelas denominadas normas civilizadas, marcadas pelo autocontrole e pelo controle social institucionalizado.

É importante destacar que esse modelo de exclusão tem sido usado como base para muitas políticas públicas, onde as ações policiais e judiciais tem sido voltadas para o controle dos pobres, enquanto os crimes praticados pela classe média alta têm sido negligenciados (Melo, 2010: 125). Nesse processo é importante destacar que cada vez mais a população passa a demandar, uma ação violenta por parte do Estado, incluindo-se as políticas de encarceramento.

4.3. A hierarquização da criminalidade em Viçosa-MG.

A criminalidade tem seguido uma tendência de se expandir em áreas carentes de recursos básicos e principalmente pela ausência do poder governamental, o que contribui para a ascensão da ilegalidade como uma forma de preencher essa lacuna deixada pelo Estado (Beato e Zilli, 2014 apud Misse, 2008). Os autores afirmam que

Em alguns casos, esse contexto social leva à desorganização em termos de mobilização social e à incapacidade de exercer controle sociais efetivos nas áreas afetadas.[...] O resultado é que, já na sua origem, parecem ser comunidades com baixa capacidade de regulação e controle social do que ocorre em seu interior, o que faz delas territórios potencialmente vulneráveis à estruturação de atividades criminosas locais, protagonizadas por gerações de jovens envolvidos em grupos delinquentes ou gagues (Beato e Zilli, 2014: 88).

Nestes contextos de vulnerabilidade e predominância de atividades desviantes, segundo Alba Zaluar (2010), predominam um “ethos guerreiro” onde muitos jovens são atraídos por criminosos, em busca dinheiro, “fama” e proteção, inserindo-se em ações criminosas em muitas comunidades pelo Brasil, caso que se aplica também à cidade de Viçosa, principalmente na inserção precoce no tráfico de drogas. Apesar de não possuir dados suficientes para definir o estágio de organização do crime em Viçosa, a partir da análise da “Organização social do crime” proposta por (Zilli, Beato: 2014), e considerando os recentes episódios de violência ocorridos pela cidade de Viçosa é possível se estabelecer que, ainda existe uma baixa organização do crime na cidade, pois segundo os autores, nesta fase é possível se observar que,

[...] localidades até então invisíveis para a opinião pública (ou então conhecidas apenas por seus muitos indicadores de vulnerabilidade social) passam a se notabilizar por episódios esparsos de violência e pelas prisões de alguns supostos traficantes com pequenas quantidades de drogas.

Gradativamente, no entanto, o perfil da violência começa a mudar: episódios mais sistemáticos de criminalidade começam a eclodir, sobretudo aqueles ligados à prática de assaltos e a venda de drogas (Zilli, Beato, 2014: 90).

Reportagens recentes, mostram que nos últimos quatro meses houve apreensões de armamentos de grande poder de fogo na cidade de Viçosa. Um exemplo disso pode ser observado na edição número 2394 do jornal Folha da Mata.

Figura 03



Fonte: Capa do jornal Folha da Mata, edição N° 2394 - 26/02/2015

A partir de reportagens como essa, e de outras que afirmam que a onda de violência que assola a cidade trata-se uma disputa de controle do tráfico de drogas e principalmente das observações nos comportamentos dos criminalizados no interior do presídio, é que pude concluir que algumas reportagens, dependendo do motivo e principalmente a forma como a pessoa aparece no jornal, gera muitas vezes comentários positivos, e de exaltação entre os demais presos, ou seja, ser preso com uma arma semi automática ou com uma grande quantidade de drogas, ou até mesmo após ter realizado um

audacioso assalto a mão armada, é quase sempre visto como motivo de orgulho entre os colegas, o que produzia muitos elogios e regalias por parte dos demais presos.

Esse comportamento tem sido recorrente no interior do presídio, pois sempre que alguém chega preso por um crime de destaque na imprensa, rapidamente o sujeito criminalizado é procurado pelos demais presos, ou seja, muitas pessoas se aproximam para buscar conversa, dificilmente se observa o sujeito sozinho e os contatos em busca novas parcerias é frequente.

Nas entrevistas fica claro que os sujeitos criminalizados refletem sobre suas condutas, chegando até mesmo a demonstrar arrependimento ou vergonha de aparecer na página policial, principalmente por expor a família. De acordo com o entrevistado 01,

Fiquei triste né, na hora deu arrependimento. Pensei na minha mãe né, na minha família, você passando por mais uma humilhação, todo mundo lendo. Expondo a mim e sem querer expondo a minha família que tá lá fora, acabou expondo mais a minha família do que eu mesmo.

Contudo, entre os colegas de prisão, em muitos casos aparecer na página policial pode ser motivo de orgulho e principalmente sinal de “status”, para o Entrevistado 05 quando

[...], o cara que vem num “BO zinho” tipo 155, um trem assim não é visto como um cara criminoso. Agora o cara que vem num tráfico, assalto a mão armada esse trem assim, os outro já vê como lá do crime mesmo entendeu, [...].

Ou seja, o tipo de crime determina a posição da pessoa no contexto da criminalidade.

Dependendo da ênfase que a mídia atribui a determinadas notícias, ela também pode promover pessoas envolvidas em atividades criminosas. Para a Entrevistada 10, isso ocorreu quando os jornais noticiaram a sua prisão, pois, segundo ela devido à forma com que o jornal a descreveu, foi suficiente para gerar muitos comentários dos colegas de prisão:

Há houve muitos né. A tudo deles é, pela fama que a polícia me deu colocando no jornal em 2012, quando eu fui presa, a tudo deles é “daqui é a mais perigosa, daqui nós tem que respeitar, ele é perigosa, não vamos mexer”, o próprio jornal disse “que a mulher é cabulosa, a mulher e perigosa.

Da mesma forma que alguns crimes podem trazer status, no contexto da criminalidade, outros podem denegrir a imagem do sujeito criminalizado pelo resto da vida. Um bom exemplo disso é o crime de estupro, uma vez que o sujeito seja acusado desse crime, jamais ele será respeitado, principalmente dentro de uma prisão. Esse trecho da fala do Entrevistado 01, exemplifica esta situação:

Vamos supor, vem preso num 157 (roubo), chega um preso no 213 (estupro), é uma diferença imensa pros presos. É pro preso já não tem, não tem valor né, é um verme, a pessoa já é um verme, merece morrer, não merece oportunidade nenhuma. Entrevistado 01.

Apesar de alguns entrevistados demonstrarem arrependimento durante as suas falas, principalmente quando falavam sobre o crime cometido, ficou muito evidente que, as pessoas presas por crimes violentos recebem tratamento diferenciado por parte dos detentos, ou seja são mais respeitados e admirados. Embora não fique evidente nas entrevistas, muitos comentários foram registrados durante as observações no interior da unidade, com destaque para aqueles que afirmavam só voltar a ser preso por um crime mais violento ou de maior destaque; “cansei de ser ladrão de micharia, só saio na página policial se for no 157 “boladão” ou no 121.”, ou seja roubo a mão armada ou homicídio, outro comentário que também merece destaque foi: “to legal de cadeia, não venho preso mais, si quiser me prender vai ter que me enfrentar”, fazendo menção à intenção de reagir a ação polícia. Ou seja, alguns presos afirmam que, caso voltem a praticar algum crime que esse deva ser mais violento, pois são os crimes que concedem maior destaque entre os criminalizados, principalmente dentro do presídio.

4.4. A reflexão sobre a violência em Viçosa-MG.

A questão do aumento da violência na cidade de Viçosa-MG, aparece como um ponto muito marcante nos relatos, dos dez entrevistados pelo menos sete consideram-na um lugar muito violento, principalmente com relação aos crimes contra vida. Também foi destacado pelos entrevistados uma mudança no perfil das pessoas envolvidas com a criminalidade, o que tem resultado numa banalização da vida.

[...] hoje cada dia que passa a violência tá ficando cada vez pior, entendeu, e as vezes por causa de uma letra, uma coisa que você fala mal falado com pessoas que estão envolvidos no crime, eles já acham que têm que matar a pessoa, [...] Entrevistado 09.

Por esse ano aí acho que foi 14 mortos pelo que a gente viu no jornal aí, muito comparando pelo que a gente vê nas cidades pra fora daí, como o triângulo mineiro, sul de minas, muitos lugares aí, [...] Entrevistado 04.

Demais, até muito mais do que o pessoal tá vendo, muito mais do que tá a vista [...] Entrevistado 05.

Este aumento do índice de violência, tem sido pauta de debates de autoridades na cidade de Viçosa, no dia 13 de abril de 2015, foi realizada uma assembleia para debater o tema, em busca de soluções para minimizar esse problema. Mas pelos relatos de um dos Entrevistados, essa preocupação também tem atingido as pessoas criminalizadas, principalmente daqueles que se inseriram há muito tempo nesse contexto.

Na hora que chega na parte de homicídio, esse trem assim, pelo tempo, hoje eu to com 32 anos, e desde quando eu envolvi, se for olhar bem, a gente tá vivo por um milagre, [...] Aí vem essas partes aí, ultimamente tá bem mais pior, porque tipo assim, sempre vai ter homicídio, é alguém que a gente teve uma convivência, já envolveu, conhece, cresceu junto, e é muito, eu falo com os meninos direto, infelizmente o crime ta dando força, força pra gente sair fora, força pra sair fora. Tem muita gente morrendo aí a troco de nada, gente morrendo com o parceiro que cresceu do lado ali, gente que sabe tudo da pessoa, os piores inimigos é os que está próximo. Entrevistado 05.

Esse sentimento de insegurança entre a população em geral e que cria uma sensação de que a qualquer momento podemos ser vítimas de um crime violento, atinge também as pessoas envolvidas com a criminalidade. Esse processo pode ser entendido a partir do conceito de “trauma cultural do medo”, amplamente explorado por Melo (2010), o qual considera a noção de trauma cultural proposta pela sociologia cultural. Segundo Melo (2010: 68 apud Alexander, 2002), “a noção pressupõe que alguns episódios são traumáticos para grupos e não apenas para o indivíduo em particular, submetidos a circunstâncias tão terríveis que deixam marcas em suas consciências para sempre, modificando seus futuros de modo definitivo.”

Um dos entrevistados destacou o aumento da violência contra a própria população dos bairros, por usuários de droga, os quais ele chamou de “noiádos”. Na opinião do Entrevistado 02, e de outros entrevistados ouve um amento considerável da violência na

cidade, principalmente de casos de homicídio, o que na visão de alguns está associado principalmente ao tráfico de drogas ilícitas.

Você não pode mais andar sossegado na rua que vem um e já tá te abordando, trabalhador tá saído de casa cedo, pra trabalhar já tá sendo amparado com revolver na cara, já tem que passar até a marmita que lá vai levando para o almoço, então tá difícil. Viçosa de ultimamente tá difícil. Entrevistado 02

Não é a comunidade viçosense, são aqueles que tá no movimento, tá gerando um fluxo, deles mesmo, eles mesmo tá gerando isso aí [...]. É o pessoal, é o tráfico, o tráfico que tá acabando com Viçosa, é o trafico, não é ninguém roubando, não é 157, é tráfico que tá acabando. Entrevistado 03

Esse aumento da violência nos bairros contra moradores pode ter como consequência, um aumento maior ainda dos crimes contra a vida, pois na visão um entrevistado, preso por tráfico de drogas, e formação de quadrilha é dever do traficante defender a sua comunidade, e uma das formas de fazer isto, na sua opinião, é proibir o roubo dentro comunidade.

Porque a obrigação do bandido no primeiro lugar,, é defender sua comunidade, os morador, porque a gente já tá errado de ser bandido, a gente ainda vai tirar o espaço do morador, então eu acho que o primeiro lugar é defender o morador, é o morador que manda, não é o bandido. E em muitos morros que você sobe tão entrando em casa de morador, tirando televisão, tirando som. Isso eu não acho certo, já que bate no peito e fala que é traficante e comanda o morro, proíbe o roubo no morro. Entrevistado 10.

Desta forma, como na maioria dos bairros com maior vulnerabilidade é comum a ausência do poder estatal, então o crime e principalmente o tráfico de drogas entra como uma alternativa para solucionar os problemas das comunidades, atraindo os jovens e assumindo um papel importante na socialização destes, ainda que de forma negativa, alimentando ainda mais a mídia de notícias policíicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Ciente das limitações desta pesquisa, principalmente com relação ao tempo para o seu desenvolvimento, não serão apresentadas correlações de causa e efeito, mas considerações que de alguma forma possam contribuir para o desenvolvimento de novas pesquisas. Sendo assim, como era o objetivo, entender o comportamento da mídia e a visão dos criminalizados em Viçosa-Mg, foi possível se fazer as seguintes considerações, com base nos dados coletados.

A análise dos conteúdos das páginas policiais, dos jornais Folha da Mata e Tribuna Livre, serviu para munir a pesquisa de argumentos que demonstrem a relevância das notícias de criminalidade, uma vez que ficou claro que muitas vezes o jornal utiliza notícias repetidas, bem como de crimes ocorridos em outras cidades. Para os editores, a principal contribuição dessas notícias é o aumento das vendas. Já para os criminalizados, merece destaque o interesse pela página policial no intuito saber o que está acontecendo com os amigos.

O período de observação do comportamento dos criminalizados no interior do presídio, serviu principalmente para reforçar alguns argumentos, demonstrando que os atores sociais podem construir os seus discursos. Esse fato fica demonstrado, principalmente quando alguns criminalizados, ao darem a entrevista fizeram algumas reflexões sobre suas condutas delituosas, contudo no dia-a-dia, no interior do presídio ficou demonstrado que entre os companheiros, existe uma espécie de orgulho por fazer parte de um determinado grupo ou uma valorização por cometer atos para ser aceito entre outras pessoas criminalizadas.

O mercado editorial em Viçosa-MG tem se beneficiado com a exposição da violência e da criminalidade na cidade. Através das análises dos jornais Folha da Mata e Tribuna Livre, foi possível concluir que, a exposição das notícias sobre violência tem influenciado nas vendas de jornal, principalmente no tempo gasto para se esgotar as edições nos pontos de venda, demonstrando um grande interesse da população por notícias desse tipo, fato que também foi confirmado entre os criminalizados.

A página policial possui tamanha importância na editoria dos jornais que, os editores confirmam que crimes tidos como mais violentos recebem maior atenção na hora de diagramar os jornais. Contudo, esse aumento na demanda por notícias de conteúdo policial, ocorre principalmente pelos leitores esporádicos, aqueles que só compram o jornal

quando ocorre algum fato extraordinário, sendo que esses leitores, representam apenas uma parte dos consumidores dos jornais.

Em relação aos efeitos da exposição da violência sobre os criminalizados foi possível constatar que os jornais têm contribuído principalmente para reforçar a questão do estigma e do rótulo, uma vez que essa exposição, ou seja, o fato noticiado, apaga toda história de vida do sujeito, reforçando, e em alguns casos encobrendo questões extremamente violentas, como o preconceito, a segregação de grupos excluídos, exclusão de camadas da sociedade e principalmente banalização da vida, como afirmam alguns entrevistados. Foi possível perceber que para os criminalizados, a questão do estigma dificulta principalmente para conseguir um emprego após a saída da prisão, principalmente daqueles que moram em cidades vizinhas e menores, onde quase todos se conhecem, gerando uma expectativa negativa da sociedade sobre essas pessoas.

Através das entrevistas também foi possível perceber que as pessoas criminalizadas têm refletido sobre a questão da violência, principalmente a violência contra vida, que de acordo com os jornais aumentou consideravelmente nos últimos tempos. Contudo, embora reflitam sobre a situação, ficou demonstrado que em alguns casos, os criminalizados busquem como solução principalmente, se associarem a outras pessoas criminalizadas, e a se qualificarem no “mundo do crime”, já que através de algumas entrevistas fica demonstrado que os crimes violentos concedem maior respeito, principalmente no interior da prisão.

Referências Bibliográficas

- ALEXANDER, Jeffrey C. O novo movimento teórico. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_04/rbcs04_01.htm>. Acessado em: 21 de outubro de 2014.
- Bourdieu, P. Sobre a Televisão, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. Tradução de Frank de Oliveira e Henrique de Monteiro. Ed. 34. São Paulo: Edusp, 2000.
- DE CARVALHO, S. “Criminologia cultural”. Lima. R. S., Ratton, J. L., Azevedo, R. G. (org.) Crime, polícia e justiça no Brasil/. São Paulo: Contexto, 2014.
- DURANTE, Marcelo Ottoni. Avaliação dos fatores que levam os adolescentes e jovens a se envolverem com a criminalidade. Projeto de pesquisa do OSI. Disponível em: <https://drive.google.com/open?id=0B1GSm31BgYLeNEp4TTIOR0NUTGc&authuser=0>
- DURKHEIM, E. As regras do método sociológico, p. 82 – 83. Martins Fontes, 2007.
- FLICK, Uwe. Desenho da pesquisa qualitativa. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.
- GLASSNER, Barry. Cultura do medo. Porque tememos cada vez mais o que deveríamos temer cada vez menos: crime, drogas, minorias, mães adolescentes, crianças assassinadas, micróbios mutantes, acidentes de avião, fúria no trânsito e muito mais. Tradução: Laura Knupp. São Paulo: Francis, 2003.
- Goffman, E. Estigma- Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada - Rio de Janeiro. Zahar, 1982.
- Lyra de Carvalho Jr., Orlando Mídia e criminalidade: acertos e impasses no agenda-setting e no accountability Ciências Sociais Unisinos, vol. 46, núm. 2, mayo-agosto, 2010, pp. 187-196 Universidade do Vale do Rio dos Sinos São Leopoldo, Brasil
- MAGNANI, J. G. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.
- Mccombs, M. & Shaw, D. L. Afunção do agendamento dos media. In: Traquina, N. O poder do jornalismo: análises e textos da Teoria do agendamento. Coimbra: Minervaa, 2000.
- MAY, Tim. Pesquisa social: questões, métodos e processos. 3.ed. – Porto Alegre, RS: Artmed, 2004.
- Melo, P. B. “Criminologia e teorias da comunicação”. Lima. R. S. , Ratton, J. L. , Azevedo, R. G. (org.) Crime, polícia e justiça no Brasil/. São Paulo: Contexto, 2014.

Melo, P.B. Histórias que a mídia conta: o discurso sobre o crime violento e o trauma cultural do medo. Recife: EDUFPE, 2010.

MISSE, M. “Sujeição Criminal”. LIMA, R. S.; RATTON, J. L.; GHIRINGHELLI, A. (Org.) Crime, Polícia e Justiça no Brasil. São Paulo. Editora Contexto. 2014

PEREIRA, D. I. A mudança de modo vida impulsionada pelo medo da violência e pela mídia. Curitiba, UFP, 2013.

PORTO, Maria Stella Grossi. Crenças, valores e representações sociais da violência. In: Sociologias, Porto Alegre, ano 8, nº 16, jul/dez 2006, p. 250-273.

PRADO, Renata de Souza. Medo na mídia: uma visão distorcida da violência. Monografia. Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2006.

Ramos, S. “Violência Crime e Mídia”. Lima. R. S., Ratton, J. L., Azevedo, R. G. (org.) Crime, polícia e justiça no Brasil. São Paulo: Contexto, 2014.

RAMOS, Silvia e PAIVA, Anabela. Mídia e violência: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007

REINER, R. 2002. Media made criminality: the representation of crime in the mass media. In: MAGUIRE, M. et al (eds.). The Oxford Handbook of Criminology. 3. Ed. New York: Oxford University Press, 2002.

Silva, L. A. M. “Violência e ordem social”. Lima. R. S., Ratton, J. L., Azevedo, R. G. (org.) Crime, polícia e justiça no Brasil/. São Paulo: Contexto, 2014.

Tavares-dos-Santos. J. V. “Modernidade Tardia e violência”. Lima. R. S., Ratton, J. L., Azevedo, R. G. (org.) Crime, polícia e justiça no Brasil/. São Paulo: Contexto, 2014.

Tavares-dos-Santos. J. V. Teixeira, A. N. Russo, M. (org) “Violência e cidadania: práticas sociológicas e compromissos sociais”– Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

Werneck, A. “Teoria da Rotulação”. Lima. R. S., Ratton, J. L., Azevedo, R. G. (org.) Crime, polícia e justiça no Brasil/. São Paulo: Contexto, 2014.

ZALUAR, A. Etos guerreiro e criminalidade violenta. In: LIMA, R. S.; RATTON, J. L.; GHIRINGHELLI, A. (Org.) Crime, Polícia e Justiça no Brasil. São Paulo. Editora Contexto. 2014

Zilli L. F, Beato C. “Organização social do crime”. Lima. R. S., Ratton, J. L., Azevedo, R. G. (org.) Crime, polícia e justiça no Brasil/. São Paulo: Contexto, 2014.

ANEXOS

Anexo- A: Roteiro de entrevista semiestruturado para os editores dos jornais.

Estou realizando uma pesquisa, sobre a representação da violência na imprensa escrita e a visão dos criminalizados sobre esse processo, na cidade de Viçosa. Estou realizando essas entrevistas para entender melhor esse processo, tendo em vista que os presos e os jornalistas são os sujeitos envolvidos nesse fenômeno.

DADOS PESSOAIS: (Idade, sexo, função atual)

- 1- Há quanto tempo você trabalha no jornal?
- 2- Quais as suas atribuições na edição do jornal?
- 3- Você saberia me dizer quanto é a tiragem do jornal?
- 4- Vocês costumam aumentar a tiragem em alguma situação?
- 5- Na sua opinião, existe uma demanda por notícias sobre violência e criminalidade, maior do que para os demais temas?
- 6- Houve algum aumento do espaço destinado à página policial, nos últimos anos?
- 7- Existe alguma influência na venda do jornal, quando se utiliza mais ou menos fotos, na página policial?
- 8- Quais os critérios para selecionar as manchetes sobre violência, a serem publicadas?
- 9- Como o jornal tem acesso às notícias sobre violência?
- 10- É possível perceber um aumento na venda de jornal quando ocorre algum crime violento na cidade ou na micro região?
- 11- É possível estabelecer alguma relação entre o aumento da venda de jornal e exposição de notícia sobre violência na capa?
- 12- Vocês já tiveram algum problema por publicar imagens de criminalizados no jornal?

Anexo -B: Roteiro de entrevista semiestruturado para os detentos do Presídio de Viçosa.

Estou realizando uma pesquisa, sobre a representação da violência na imprensa escrita e a visão dos criminalizados sobre esse processo, na cidade de Viçosa. Estou realizando essas entrevistas para entender melhor esse processo, tendo em vista que os presos e os jornalistas são os sujeitos envolvidos nesse fenômeno.

DADOS PESSOAIS: (Idade, sexo, profissão, grau de escolaridade, motivo da prisão, tempo de prisão, situação atual da prisão)

- 1- Você costuma ler os jornais de Viçosa no interior do presídio? E quando está na rua?
- 2- O que mais te interessa ou chama a sua atenção no jornal?
- 3- Você costuma ler as notícias sobre criminalidade, que ocorreram na semana na cidade de Viçosa e região? Por quê?
- 4- Você se lembra se o motivo da sua prisão foi noticiado pelo jornal?
- 5- Alguma vez a sua imagem foi exposta no jornal?
- 6- Qual foi o seu sentimento ao ver a notícia? (Caso a resposta anterior seja positivo)
- 7- Você se lembra de algum comentário dos seus colegas sobre a manchete do seu crime? (Caso a resposta 5 seja positivo)
- 8- Você sabe se a manchete sobre o motivo da sua prisão teve repercussão na sua comunidade ou no seu bairro?
- 9- Na sua opinião, existe alguma situação que seja melhor ou pior, aparecer na página policial?
- 10- Você já sentiu, em algum momento ser reconhecido, por causa da página policial? Explicar, caso a resposta seja positiva?
- 11- Você faz alguma reflexão sobre os fatos noticiados na página policial?
- 12- Você considera a cidade de Viçosa violenta?